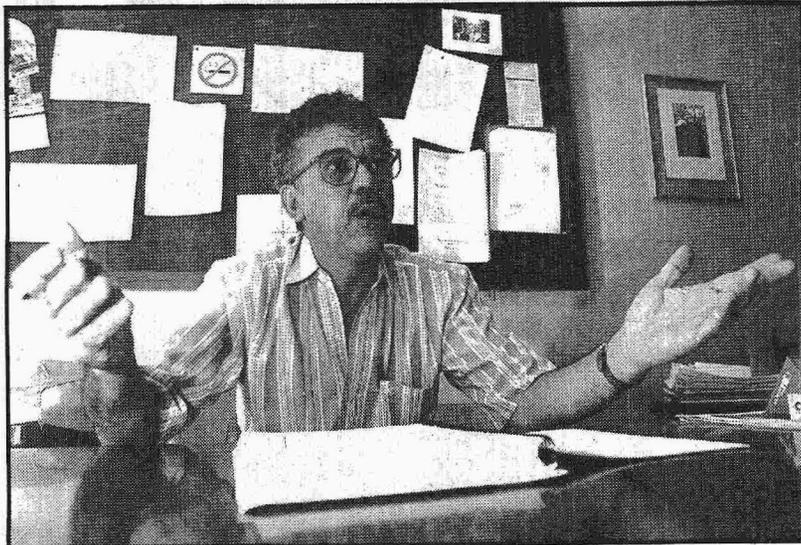


# Tese diz que avaliações na rede pública prejudicam alunos pobres

TANIA NEVES

Aluno aprovado, aluno ideal. Mas ideal para quem? De acordo com a tese de mestrado "A avaliação na escola pública de 2º Grau, 1ª série — um estudo de caso", defendida em março pelo professor Zacarias Jaegger Gamma na PUC, a subjetividade das práticas de avaliação faz com que o aluno seja julgado pelo que acham que ele deveria ser e não pelo que ele é. Idealizado por professores de classe média — ou que pelo menos cultuam os valores desse grupo — o aluno da classe pobre não encontra acolhida na escola para desenvolver suas potencialidades e abordar sua história, sua classe e seus valores. O resultado é a exclusão em massa de um grupo que, no mercado de trabalho, vai disputar as mais baixas colocações:

— Como define a socióloga Marilena Chauí, eles vão se posicionar entre o patrão e o mendigo. Porque a passagem pela escola lhes serviu apenas como amparo legal, para justificar à polícia que não eram vadios, e não como meio de emancipação



O professor Zacarias: aluno carente não consegue desenvolver seu potencial

e aquisição de conhecimento — sustenta Zacarias.

Com o objetivo de desvendar a realidade das práticas de avaliação na escola pública, Zacarias — que leciona nas redes pública e particular — fez um estudo na 1ª série de uma escola estadual de Segundo Grau, durante todo o ano de 1991. O resultado o surpreendeu, porque ele se deparou

com um alto grau de subjetividade na preparação de testes e, principalmente, nos julgamentos feitos durante os conselhos de classe. A falta de critérios explícitos de avaliação dão lugar a critérios implícitos que roubam do aluno a possibilidade de participar de sua própria formação. Com isso, se estabelece um mero processo de seleção, onde os pro-

fessores determinam que alunos servem para permanecer na escola e quais devem ser "peneirados" para fora.

A maioria dos depoimentos colhidos entre professores citou a avaliação como o pior momento da prática educacional. Para eles, o hábito de avaliar a partir de testes e provas é incômodo, mas os professores afirmam não poder fugir completamente do sistema porque atendem a muitos alunos em cada turma e trabalham em vários locais. Mas até nessa parte objetiva da avaliação o professor Zacarias encontrou subjetividade, porque os enunciados de questões sempre refletem intenções e escolhas implícitas. Além disso, quase sempre a função pedagógica da avaliação é inexistente:

— O objetivo é simplesmente a nota, que permite ou não a aprovação. O processo está encerrado quando ela é obtida. É como se não fosse da competência do professor julgar o crescimento do aluno de modo que ele tome decisões importantes para seu próprio desenvolvimento intelectual, capacitando-se mais e mais a apropriar-se dos saberes escolarizados.

Carlos Magno